

ALEIJADINHO

Escultor, entalhador e arquiteto mineiro (1730-1814). Antônio Francisco Lisboa nasce em Vila Rica, atual Ouro Preto, filho de um mestre-de-obras português e de uma escrava. Seguindo os passos do pai, também entalhador, inicia-se na arte ainda criança. Ganha o apelido de "Aleijadinho" por volta dos 40 anos, quando passa a andar com dificuldade em consequência da hanseníase, doença que deforma suas pernas e mãos. A limitação não o impede de continuar trabalhando na construção de igrejas, capelas e altares das cidades da região do ouro de Minas Gerais. Entre 1796 e 1805 executa sua obra-prima: o conjunto de esculturas Os Passos da Paixão e Os Doze Profetas, da Igreja de Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas do Campo. O trabalho, que reúne 66 imagens esculpidas em madeira e 12 feitas de pedra-sabão, é considerado um dos mais representativos do barroco brasileiro. Aleijadinho morre em Ouro Preto e permanece esquecido até o início deste século, quando é reconhecido como o artista mais importante do período colonial brasileiro.

Barroco

Artes Plásticas, Literatura, Música, Barroco No Brasil, Artes plásticas no Brasil, Literatura no Brasil, Música no Brasil, Teatro no Brasil

Tendência que se manifesta nas artes plásticas e, em seguida, na literatura, na música e no teatro no começo do século XVII. Inicia-se na Itália e propaga-se por Espanha, Holanda, Bélgica e França. Na Europa, perdura até meados do século XVIII. Atinge a América Latina desde o princípio do século XVII até o fim do século XVIII.

Em um período em que a Igreja Católica tenta recuperar o espaço perdido com a Reforma Protestante e os monarcas se concedem poderes divinos, a arte barroca busca conciliar a espiritualidade e a emoção da Idade Média com o antropocentrismo e a racionalidade do Renascimento. Sua característica marcante, portanto, é o contraste.

A palavra barroco, originalmente "pérola deformada", exprime de forma pejorativa a idéia de irregularidade. As obras são rebuscadas, expressam exuberância, emoções extremas. Durante o período, os artistas são patrocinados pela burguesia em ascensão, além de pela Igreja e pelos governantes. A fase final do barroco é o rococó, estilo originário da França no século XVIII, durante o reinado de Luís XV. Caracteriza-se pela abundância de curvas e de elementos decorativos, como conchas, laços, flores e folhagens. A temática é inspirada nos hábitos da corte e na mitologia greco-romana.

ARTES PLÁSTICAS – As pinturas revelam contrastes de cores e jogos de luz e sombra. Valoriza-se mais a cor que a linha. As composições tendem a ser menos centralizadas e a exibir figuras mais dinâmicas que as renascentistas. Além dos temas bíblicos, históricos e mitológicos, são freqüentes as naturezas-mortas, as

cenas cotidianas e os retratos da nobreza e da burguesia ascendente. Nos países católicos, vários artistas decoram igrejas – é comum as pinturas do teto darem a ilusão de abertura para o céu, com técnicas de perspectiva.

Os principais pintores são o italiano Caravaggio o espanhol Velázquez (1599-1660), os belgas Van Dyck (1599-1641) e Frans Hals (1581?-1666), o flamengo Rubens (1577-1640) e os holandeses Rembrandt Vermeer (1632-1675).

Na escultura, as estátuas mostram figuras com rostos contraídos pelo sofrimento ou pelo êxtase e silhuetas rebuscadas que se contorcem em movimento extremo. Há exagero nos relevos, predomínio de linhas curvas, drapeados nas roupas e muito uso do dourado.

LITERATURA – Caracteriza-se pelo retorno às questões espirituais em oposição ao racionalismo renascentista. Enfoca idéias contrárias, como amor e sofrimento, vida e morte, religiosidade e erotismo. São freqüentes a sátira social e a humanização do sobrenatural. A maior produção está na poesia.

Os textos poéticos têm estilo trabalhado e linguagem culta. São comuns figuras de linguagem ligadas à intensidade (hipérbole), à dualidade (antítese) e à ordem inversa (hipérbato). Em geral, aparecem muitos vocativos, repetições e frases interrogativas. Desenvolvem-se dois estilos: o cultismo, marcado pela forma rebuscada, considerada mais importante que o conteúdo; e o conceptismo, caracterizado pela exposição de fundamentos da lógica. Os poetas mais notáveis são o italiano Giambattista Marino (1569-1625), o inglês John Donne (1572-1631) e os espanhóis Luís de Gôngora, Francisco de Quevedo e Juan de la Cruz (1542-1591) e Santa Tereza de Ávila. Charles Perrault (1628-1703) adapta contos indo-europeus e estabelece um modelo de contos de fada seguido por diversos autores.

MÚSICA – Predomina uma música vocal-instrumental voltada para o texto a ser cantado. É o início da música tonal, da ópera da fuga – forma na qual uma voz melódica imita a outra com certa defasagem. A polifonia cede lugar à homofonia. Os instrumentos aperfeiçoam-se, ganham importância e são aceitos nas igrejas – onde antes só se admitia música vocal. Compõem-se missas, oratórios e cantatas religiosas, como Missa em Si Menor, de Johann Sebastian Bach. Surgem novas formas de composição instrumental, como o concerto, as suítes de danças, as tocatas para instrumentos solistas e a sonata. Os modos medievais são substituídos por dois modos tonais: o maior e o menor. As notas organizam-se em um desses modos, com base em uma das 12 alturas cromáticas (as sete notas mais suas alterações, sustenido ou bemol): dó menor, dó maior, ré maior etc.

Os principais compositores de música vocal barroca são os italianos Claudio Monteverdi (1567-1643), Alessandro Scarlatti (1660-1725) e Giovanni Pergolesi (1710-1736). Na área instrumental, os expoentes são os italianos Arcangelo Corelli (1653-1713), Antonio Vivaldi, Giuseppe Tartini (1692-1770) e os alemães Georg Friedrich Haendel e Bach.

TEATRO – Reflete o espírito da época: atormentado, tenso e pessimista. A linguagem, a princípio sóbria, torna-se rebuscada. Em busca de um público aristocrático, o teatro francês segue regras rigorosas, como a imitação obrigatória de modelos greco-romanos e o respeito às unidades aristotélicas. Em 1680, a Comédie-Française faz do teatro uma atividade oficial, subvencionada pelo Estado. O conflito entre a razão e o sentimento marca as peças de Pierre Corneille (1606-1684) e de Jean Racine (1639-1699). As comédias de Molière mostram tipos que simbolizam as qualidades e os defeitos humanos.

Na Inglaterra destacam-se John Webster (1580-1625), John Ford (1586-1639?) e John Fletcher (1579-1625). O teatro italiano copia modelos franceses. A inauguração em 1637, em Veneza, do primeiro teatro público de ópera introduz revoluções técnicas. A cena reta greco-romana é trocada pelo "palco italiano", com

boca de cena arredondada, cortina e luzes na ribalta, telões pintados em perspectiva e maquinaria que gera efeitos especiais.

BARROCO NO BRASIL – Influenciado primeiramente pelo barroco português, o movimento brasileiro assume características próprias e dá início efetivo à arte nacional.

Artes plásticas no Brasil – A principal produção, ligada à Igreja, concentra-se em Minas Gerais, centro de riqueza da época. Predomina o estilo rococó em esculturas de materiais típicos nacionais, como madeira e pedra-sabão. O arquiteto, entalhador e escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho é o expoente. Entre suas obras-primas estão as esculturas Os Doze Profetas e Os Passos da Paixão, na Igreja de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo (MG). Outros artistas importantes são o escultor carioca Mestre Valentim (1750-1813) e o pintor mineiro Manuel da Costa Ataíde (1762?-1830). Na Bahia destaca-se a decoração de igrejas em Salvador, como a de São Francisco de Assis e a da Ordem Terceira de São Francisco. No Rio de Janeiro, o interior da Igreja do Mosteiro de São Bento.

Literatura no Brasil – O marco inicial do barroco na literatura brasileira é a publicação, em 1601, de Prosopopéia, poema épico de Bento Teixeira (1561-1600) sobre a conquista de Pernambuco. O poeta baiano Gregório de Matoso Boca do Inferno, por sua ácida sátira social, é o principal nome do período, com uma obra que vai do religioso ao satírico e ao erótico. Na prosa, restrita aos sermões, o destaque é o missionário jesuíta português padre Antônio Vieira. No começo do século XVIII, as academias difundem o gosto pelas letras e realizam trabalho de pesquisa histórica.

Música – Há grande produção por encomenda da Igreja. A partitura mais remota, de 1759, é Recitativo e Ária, atribuída ao padre Caetano Mello de Jesus, com texto cantado em português. No Recife existem documentos relativos à atuação dos compositores Inácio Ribeiro Nória (1688-1773) e Luís Álvares Pinto (1719-1789). Em Minas Gerais, os compositores inspiram-se nas óperas napolitanas e na música religiosa portuguesa de caráter polifônico. Os principais são José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805), Marcos Coelho Neto (1740-1806), Inácio Parreiras Neves (1730-1793) e Manoel Dias de Oliveira (1764-1837). No fim do século XVIII, destaca-se o carioca José Maurício Nunes Garcia (1767-1830).

Teatro no Brasil – É pouco conhecido, pois a publicação de textos era proibida na colônia. Predominam os autos religiosos, encenados pelos padres jesuítas desde o início da colonização, mas também se desenvolve um teatro profano. Um dos poucos autores a ter suas obras conhecidas é o baiano Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711). Influenciado pelo barroco espanhol, escreve as comédias Hay Amigo para Amigo e Amor, Engaños e Celos.

Arquitetura no Brasil

Séculos XV-XVIII, Século XIX, Século XX, Anos 20 e 30, Anos 60 e 70, Anos 80, Anos 90

Século XVII – Com a colonização são construídas as primeiras edificações não indígenas no Brasil. Colégios e igrejas surgem em Salvador, em Olinda e no Rio de Janeiro, por influência dos jesuítas. O enriquecimento resultante da economia açucareira faz aparecer as casas-grandes e senzalas.

1630-1654 – A presença holandesa no Recife introduz um planejamento urbano desconhecido na colônia. A cidade se expande para a ilha de Antônio Vaz com um traçado regular, que difere da ocupação espontânea da época.

Século XVIII – Tardamente em relação à Europa, o barroco brasileiro atinge o auge após a descoberta de ouro em Minas Gerais. Fachadas simples, decoradas com pedra-sabão em substituição ao mármore europeu, passam a abrigar interiores opulentos, ornamentados com ouro e prata. A Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG), é considerada a mais bem elaborada construção do estilo. Outros exemplos importantes se encontram em Salvador e no Rio de Janeiro.

Igreja De São Francisco De Assis – Erguida a pedido dos franciscanos no final do

século XVIII, a Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, é a obra-prima de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Além de ser o autor do projeto, ele esculpe os medalhões de pedra-sabão da fachada e importantes detalhes do interior, como parte do altar-mor e do púlpito. No forro da igreja, a pintura de um dos maiores artistas da época, Manuel da Costa Ataíde, mostra uma Nossa Senhora cercada de anjos. A composição da cena é brasileiríssima: todos são mulatos

1816 – A vinda da Missão Artística Francesa ao Rio de Janeiro transforma o neoclassicismo em estilo oficial do Império. Integrante da missão, o arquiteto Grandjean de Montigny projeta várias obras para a cidade e institui o ensino oficial da arquitetura. Baseadas nas formas clássicas, os edifícios possuem caráter monumental e grandioso, em que predominam colunas e paredes lisas.

1902 – Tem início a construção da Vila Penteado, em São Paulo, um dos marcos do estilo art nouveau no país. A primeira casa é projetada pelo arquiteto sueco Karl Ekman a pedido de Antônio Álvares Penteado. Com formato da letra U, que mantém a simetria dos volumes principais, o prédio é decorado com motivos florais, orgânicos e curvilíneos. Doada em 1947 para a Universidade de São Paulo (USP), a casa abriga atualmente o setor de pós-graduação do curso de arquitetura e urbanismo.

1914 – O arquiteto Ricardo Severo inaugura o movimento neocolonial. Ele critica a mistura e a importação de formas e estilos e tenta elaborar um gênero próprio brasileiro, com base na recuperação e estilização das características arquitetônicas das obras do período colonial. Um dos exemplos desse movimento é a Escola Normal do Rio de Janeiro (1926-1930), de Angelo Bhruns e José Cortez.

1929 – A construção do Edifício A Noite, no Rio de Janeiro (RJ), marca a chegada do art déco ao Brasil. Outras obras importantes desse estilo são a Estação Central do Brasil, também no Rio de Janeiro, e o Elevador Lacerda, em Salvador (BA).

1930 – A inauguração da Casa Modernista em São Paulo (SP), obra do arquiteto russo Gregóri Varchávchik, assinala a introdução da arquitetura modernista no Brasil. Esse estilo se torna muito conhecido com a construção do Ministério da Educação e Saúde (1936-1945), atual Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro (RJ). O projeto dos arquitetos Lúcio Costa, Afonso Reidy, Carlos Leão, Ernani Mendes de Vasconcelos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer contou com a consultoria do francês de origem suíça Le Corbusier.

1960 – Com a inauguração de Brasília, surge a maior referência da arquitetura modernista no Brasil. Construída para ser a nova capital do país, a cidade tem projeto urbanístico de Lúcio Costa e edifícios governamentais desenhados por Oscar Niemeyer.

1962 – João Batista Vilanova Artigas, arquiteto brasileiro premiado internacionalmente, desenha o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Com linhas modernas, é sua obra mais conhecida.

1968 – O novo prédio do Museu de Arte de São Paulo (Masp), projeto da italiana Lina Bo Bardi, é inaugurado. De concreto e vidro, com linhas simples, a construção torna-se um dos principais marcos arquitetônicos da cidade de São Paulo. O museu se destaca pelo seu vão livre de 70 metros, que permite manter a vista original do local e não sobrecarrega o túnel localizado embaixo do edifício.

Década de 70 – Permanece a arquitetura do concreto, ligada à criação de estruturas cada vez mais sofisticadas. O grande crescimento econômico brasileiro nessa época permite a elaboração de obras monumentais, que mostram o salto da riqueza do país. Um exemplo é o prédio da Petrobras, no Rio de Janeiro (RJ).

Década de 80 – Os movimentos de crítica ao modernismo, como o regionalismo crítico, o contextualismo e o pós-modernismo, fortalecem-se no Brasil. As receitas formais começam a ser abandonadas. Há um maior cuidado em relação ao uso que o edifício vai ter e ao lugar onde ele se insere. O prédio do Sesc Fábrica da Pompéia, em São Paulo (1977-1986), projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi, é considerado um exemplo dessa linha. Começa a ser introduzido o uso estrutural do aço, como na Estação Largo Treze de Maio, em São Paulo (SP), idealizada por João Walter Toscano. Também se retoma o uso das estruturas de madeira em substituição ao concreto armado, como no Centro de Proteção Ambiental de Balbina, em Manaus (AM), obra de Severiano Porto, e nas construções residenciais de Marcos Acayaba, em São Paulo (SP). Ganham força planos de reurbanização, como em Curitiba (PR), e de recuperação de centros históricos, como o do Rio de Janeiro (RJ).

Década de 90 – A tendência de reurbanização acentua-se. Em São Paulo (SP) acontece um processo de revitalização do centro, que inclui a mudança da prefeitura para o Palácio das Indústrias, a reforma da Pinacoteca do Estado, a reciclagem da antiga agência dos Correios e a transformação da Estação Júlio Prestes em sala de concertos. Na Bahia, Lina Bo Bardi assina o projeto piloto para a recuperação do centro histórico de Salvador. A arquitetura do final da década se caracteriza por criações individuais, como residências particulares e edifícios institucionais e industriais. Destacam-se arquitetos como Paulo Mendes da Rocha, idealizador do Museu Brasileiro da Escultura, em São Paulo (SP), e João Filgueiras Lima, que desenvolve processos de construção industrial que permitem uma arquitetura mais leve.

1999 – A 4ª Bienal Internacional de Arquitetura, realizada em São Paulo (SP) entre 20 de novembro e 25 de janeiro de 2000, tem como tema a violência urbana e as propostas arquitetônicas para atenuá-la. Os homenageados são o ex-diretor da escola Bauhaus, Mies van der Rohe, e o arquiteto italiano Andrea Palladio. Entre os brasileiros, os destaques são o baiano João Filgueiras Lima e o paulistano Paulo Mendes da Rocha. A Bienal de Arquitetura passa a ser um evento independente da Bienal Internacional de Artes em 1973. As outras duas edições ocorrem em 1993 e 1999.